



Mesa: Rosário Varandas, Maria João Santos, Catarina Paiva

CL187- 15:10/15:20

RASTREIO DE FACTORES AMBLIOGÉNICOS – REPETIÇÃO NOS CASOS BORDERLINE

Miguel Ruão¹, Filipa Daniela Rodrigues¹, Manuela Amorim¹, Madalena Monteiro², J. Coimbra de Matos¹, Cláudia Costa Ferreira¹, João Chibante-Pedro¹

(1-Centro Hospitalar Entre o Douro e Vouga, 2-Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra)

Introdução:

O propósito deste trabalho foi estudar importância da repetição do rastreio de fatores de risco ambliogénicos aos 2 anos, quando o rastreio do 1º ano de vida é *borderline*, utilizando um *photoscreener*.

Material e Métodos:

Estudo transversal em que foram incluídas 933 crianças, dos 23 aos 30 meses de idade, que após um resultado *borderline* no Rastreio de Factores de Risco Ambliogénicos realizado ao 1º ano de vida, repetiram o exame ao 1 ano depois. O estudo inclui exames realizados entre 2005 e 2012 no Centro Hospitalar de Entre o Douro e Vouga (CHEDV). Este rastreio é efetuado pela primeira vez ao ano de idade às crianças nascidas no Hospital São Sebastião (HSS, Santa Maria da Feira). As medições são realizadas no HSS pelas técnicas de ortóptica do serviço de Oftalmologia, com o MTI (até 2008) e o plusoptiX s04 (a partir de 2009). A avaliação dos resultados é realizada por uma médica de Oftalmologia Pediátrica, sendo que as crianças que apresentem o rastreio positivo, utilizando uma adaptação dos critérios da Universidade de Vanderbilt, são orientadas para a consulta externa. Os casos *borderline* repetem o rastreio aos 2 anos, enquanto os ilegíveis realizam consulta. Após a chegada a um diagnóstico, os dados são informatizados no programa de rastreio.

Resultados:

661 crianças (70,9%) apresentaram rastreio negativo, 14 (1,5%) *borderline*, 14 (1,5%) ilegível e 244 (26,2%) positivo. Categorizando os rastreios positivos, obtivemos: astigmatismo 113 (12,1%), anisometropia 105 (11,3%), estrabismo 11 (1,2%), hipermetropia 4 (0,4%), miopia 1 (0,1%), opacidade de meios 1 (0,1%) e outras patologias 9 (1,0%). O valor preditivo positivo (VPP) global para a presença de pelo menos um factor de risco ambliogénico foi 77,1% (188/244). Os rastreios ilegíveis não foram incluídos neste valor. Excluindo a miopia que tem apenas um caso, o astigmatismo apresentou o VPP mais elevado (91,2%). A incidência de erros refrativos valorizáveis (após consulta) foi de 19,4% e estrabismo de 0,3%.

Conclusões:

O VPP quando comparado com o rastreio realizado ao ano de idade foi mais alto (77,1% vs 56,8%), o que pode estar relacionado com a maior fiabilidade dos rastreios para idades mais avançadas. Entre os factores ambliogénicos para a chamada à consulta, destacar o aumento do astigmatismo (12,1% vs 0,5%) e da anisometropia (11,3% vs 2,1%). A repetição do rastreio dos casos *borderline* ao 2º ano de vida evita a chamada à consulta de 70,9% das crianças. Esta subida de critérios para chamada à consulta, evita a observação e a realização de cicloplegia nestas crianças com 1 ano, reduzindo os riscos que daí advêm.